

# Famílias atrás do ouro verde

*Elas foram montar a fábrica de celulose e acabaram construindo suas vidas no meio do mato. Daí surgiu Coqueiral de Aracruz*

**C**hegar a Coqueiral de Aracruz em 1975 para a formação da Aracruz Celulose representou um desafio para as famílias acostumadas com a comodidade urbana.

Há 65 quilômetros da capital e há 25 quilômetros da sede do município de Aracruz, os moradores assumiram um papel desbravador, acabando por inserir mais vida às praias e matas da região.

Para construir a fábrica de celulose, era preciso buscar os recursos humanos. "Por estar distante da capital e de toda infraestrutura foi necessário construir um bairro", contou o morador Antônio Vilas Boas de Sousa.

Técnicos, engenheiros, operadores de diversas partes do país



e do mundo chegavam ao lugar cujas formas eram desenhadas no ritmo da edificação da indústria.

As casas foram divididas nas categorias A, B, C e D conforme os níveis dos trabalhadores da empresa. Ainda é folclórico se dizer que os "chifres de ouro" moravam nas casas mais nobres da região.

Em 1992, a Companhia de Habitação e Urbanização (Cohab) construiu 223 casas. No ano de 1993, a maior parte das casas da



**Hoje o bairro conta com uma boa infra-estrutura e preserva a natureza**

empresa é vendida aos funcionários. Mais pessoas foram atraídas para o bairro, alterando o perfil social, econômico e cultural dos moradores.

## BALSA

"No início, o pão e o leite chegavam de Aracruz às 7 horas da manhã numa Kombi", lembrou Eliane Bezerra de Menezes Carvalho, moradora desde a formação do bairro. Em 75, recém-casada, ela estava indo morar no Rio de Janeiro quando o marido resolveu concorrer à vaga de médico da empresa.

Ao se instalar em Coqueiral, Eliane precisou interromper a faculdade de Pedagogia por causa da distância da capital. Para

sair do bairro em direção a Vitória, era preciso atravessar o Rio Piraqueçu em uma balsa, porque a ponte somente surgiria em 1990. Do outro lado, à espera, a estrada de chão.

Em períodos de chuvas intensas os moradores ficavam isolados no bairro. No ano de 1980, a lama e os alagamentos impediram os moradores de entrar ou sair da região. "Foram quatro dias. Tivemos medo de faltar comida, mas tudo terminou bem", disse Eliane.

Para sair da região era preciso atravessar as picadas – espaços abertos à facção no meio da mata. "Era comum ter em casa um instrumento de ferro para evitar o bote das cobras", contou.

## Encantar é mais que um coral

Minha terra tem coqueiros onde se canta para encantar. A frase lembra a poesia de Gonçalves Dias, mas, na verdade, revela um dos dons do bairro Coqueiral de Aracruz: o canto.

A habilidade foi descoberta há quatro anos com a formação do Coral Encantar. Mas as apresentações já ultrapassaram as ruas do bairro atingindo outros estados brasileiros.

O grupo nasceu dentro da empresa Aracruz Celulose, mas expandiu para a comunidade de Coqueiral. Com 27 integrantes, o coral é composto por moradores de idades variadas, dos 15 aos 55 anos. Contralto, tenor, soprano e baixo formam os quatro tipos de vozes do coral.

Motivados por uma proposta eclética, o coral apresenta músicas eruditas, clássicas, populares e folclóricas. Mas o impulso para a diversificação do trabalho também levou o coral a incluir no repertório músicas inglesas, espanholas, francesas, de dialeto africano e até finlandês.

O trabalho é acompanhado pelo regente de Vitória, Sanny Santos de Sousa.

## Na praia, uma tia de todos

O que pode faltar num cenário de mar, sol, coqueiros e tranquilidade? Uma cabana para relaxar e aproveitar o paraíso. Esta é a opção de quem resolveu aproveitar a Praia das Saunas, situada no litoral de Coqueiral de Aracruz.

No ponto de encontro dos moradores e turistas do bairro vive Tia Ângela, uma das moradoras mais antigas e populares do bairro.

Ângela Maria Marques, 42, chegou a Coqueiral em 1978 para lecionar na escola da empresa Aracruz Celulose. Na mala, duas calças jeans e duas blusas, além da coragem de começar uma nova vida. "Meu pai me deixou vir porque era contra o meu namoro com um rapaz da cidade de Ibi-raçu, onde morava".

A moradora lembra das dificuldades nos primeiros anos no bairro. Para ir a Vitória era preciso atravessar o Rio Piraqueçu numa balsa. "As pessoas esperavam horas para conseguir uma vaga na balsa. Uma vez teve um show da Simone na Barra do Saí. Quem morava em Santa Cruz acabou perdendo o show porque a balsa não comportava

mais do que três carros".

Na época da balsa, antes da construção da ponte, inspirados no visual da região, "os moradores chegaram a sonhar na construção de um restaurante flutuante", disse a moradora.

Como não existia comércio expressivo no bairro, os moradores necessitavam viajar para a capital para conseguir alimentos. "A empresa havia destinado um ônibus duas vezes por semana para levar os moradores a Vitória para fazer compras".

Segundo ela, a viagem funcionava como uma excursão, pois o ônibus saía pela manhã e voltava à tarde. "Houve uma época em que a disputa era tão grande que precisou da distribuição de senha para os passageiros".

Há 15 anos, Ângela montou o bar na beira da praia – um dos principais pontos de encontro dos namorados, aposentados e até dos desocupados, brinca a moradora.

Ela chega ao local pela manhã e só retorna para casa à noite. "Já vi até uma baleia encailhada em frente do bar".